



Ampliar o papel dos empresários para o próximo bilhão

Alguns dos problemas que atormentam os mercados emergentes costumam superar a capacidade de gestão e gerência dos governos. Por conta desse gap, surge uma boa oportunidade para que os empresários que somam sensibilidade social ao seu espírito empreendedor.

A atenção deficiente à saúde e problemas de desnutrição, o déficit de moradia, os problemas de transportes coletivos por conta da grande concentração populacional, a questão da educação, segurança e outros são temas que se repelem em Delhi, México, Kuala Lumpur, Buenos Aires ou São Paulo. E uma nova esfera de empresários tem começado a reagir a essas questões, aplicando seus recursos para gerar soluções inovadoras que contribuam para aliviar os problemas que assolam a nossa sociedade.

Recentemente Lorenzo Zambrano, presidente e arquiteto da CEMEX, convocou os empresários de Monterrey, México-lugar que ele escolheu para morar, ignorando a opção de espaços mais seguros- para recuperar a segurança na cidade. Nos últimos anos, os programas de poupança, empréstimos e assessoria gratuita para a construção do Patrimônio Hoy, um programa que auxiliou o aceleramento de construção de casas, escolas e pavimentação das ruas nos subúrbios pobres do México, o que resultou em um incremento para o desenvolvimento, já que casas são construídas em meses, não em anos, e com materiais duradouros, baseados em projetos profissionais. Seguindo as orientações propostas pelo peruano Hernando de Soto, foi comprovado que normalizar os títulos das propriedades privadas impulsiona a construção com materiais melhores, além de desenvolvimento e trabalho que visam a melhora da qualidade de vida social.

E, além desses fatos, temos o caso de que com 5 dólares por mês, pessoas podem ter acesso médico e a estudos por apenas 25% do custo normal, sem precisar perder diversos dias para serem atendidos, além de comprar remédios genéricos com preços baixos na farmácia do Dr. Simi, uma criação de Victor Gonzalez Torres, que em 1997 decidiu ampliar as operações de seu laboratório, abrindo farmácias que trabalham com preços reduzidos.

Mas, para destacar o plano de melhorar a esfera da saúde, vale destacar o caso de Vinita Bali, CEO da Brittanica- um fabricante de cookies na Índia. Após quase um ano convencendo seus acionistas e diretores, Vinita lançou no mercado uma linha de bolachas de baixíssimo preço e contendo micronutrientes. Cinco bolachas por dia em três meses aumentaram o nível de ferro no sangue de 7% para 11% entre a população infantil que sofre de desnutrição- que na Índia atinge um índice de 60%.

Facilitar o acesso no lugar de lamentar a quantidade de pobres com recursos limitados parece ser o motivo que faz movimentar muito desses novos empresários. Assim, apesar de estar afastada das grandes cidades- São Paulo está a 450 quilômetros e Belo Horizonte a 575 km- os vizinhos de Igarapava, uma pequena cidade de 28.000 habitantes no estado de São Paulo, compram seus eletrodomésticos entre uma ampla gama, a preços competitivos com as grandes cidades e com a mesma facilidade de crédito. Luiza Helena Trajano criou um catálogo eletrônico disponível em 300 lojas virtuais da Magazine Luiza, que permitem comprar online a quem não tem acesso à internet em suas casas, gerando boas condições de compras.

De modo similar, mudando a perspectiva e após batalhar para reduzir custos, Rajesh Jain lançou no mercado em 2007 um computador por 100 dólares, com um modelo redefinido: um teclado e uma unidade de memória que se conectam à TV e trabalham com programas baixados da internet. Hoje, sua provedora Netcore é uma das principais personagens do mercado indiano.

E em 2008, Nicole Marcet, diretora de projetos em mercados emergentes do BNP Paribas, gerou com o operador Orange o projeto de "dinheiro eletrônico" para a Costa do Marfim, onde milhares de clientes de baixos recursos podem fazer e receber pagamentos através do celular. O resultado dessa ação é uma maior formalização dos setores de menores recursos, que habitualmente se aloca em uma área cinzenta da economia, dinamizando essa parcela da população e facilitando seu acesso ao crédito. E com o uso da conta telefônica o interesse pela alfabetização foi renovado!

Histórias como essas revelam a existência de uma classe empresarial mais interessada em desenvolver seus países, além de sensibilizar a classe política e o governo a respeito das necessidades genuínas dos negócios, propondo condições de crescimento e estabilidade que em poucos anos podem mudar a realidade dos países emergentes.

Oportunidades como essas sobram em países emergentes: déficits habitacionais, problemas de saúde, emprego informal, falta de acesso à água tratada e esgoto. É difícil pensar que o gasto social sempre crescente pode resolver todos esses problemas a curto prazo. Décadas de dívida e deterioração social mostram que esses problemas estão muito longe de se resolverem, e apenas insistir não parece ser o caminho mais inteligente. Aplicar os recursos para gerar soluções é o trabalho habitual das empresas, ainda que para isso seja necessário uma mudança dupla de perspectiva. No lugar de considerar as empresas como "vacas" para ordenhar por tempo indeterminado, ou um tigre perigoso que deve ser domado, elas são o ponto forte que fazem a riqueza de uma sociedade. Por outro lado, os empresários e setores mais favorecidos deveriam deixar de pensar que resolver o problema da pobreza é responsabilidade do Estado, e deveriam começar a pensar criativamente em modelos de negócios que favoreçam o acesso massivo a melhores condições de vida.

Isso significa ampliar o papel da empresa- um protagonista social e não só econômico, que busca oportunidades para gerar maior valor, e que não busca só explorar os recursos disponíveis. O sentido da atividade econômica não é, como costuma acreditar, a mera acumulação de capital, mas também a melhora da sociedade através da geração de riqueza. Seria como assumir que o sentido das pessoas é respirar, porque se deixam de fazê-lo, morrem. O motivo é o desenvolvimento das liberdades- sociais, políticas e econômicas- que garantam a transparência e proteção social para uma sociedade livre. É tempo para que os empresários ocupem o lugar que lhes corresponde na sociedade.